



A TRADUÇÃO DOS *INCIPITS* DE *CLAUDE GUEUX*  
COMO RETEXTURAS HUGOANAS NO BRASIL

Este artigo trata a tradução como retextualização ou retextura no âmbito da Linguística Textual. Considera-se que traduzir é recolocar em texto numa nova língua uma textualização já feita numa língua fonte. Como exemplificação, o texto de Victor Hugo – *Claude Gueux* – é utilizado para mostrar a aplicabilidade desta abordagem de tradução num texto literário do século XIX, especificamente nos incipits.

**Palavras-chave**

Tradução; Linguística Textual; Retextura, Claude-Gueux, Victor Hugo

**Dennys Silva-Reis**

[reisdennys@gmail.com](mailto:reisdennys@gmail.com) • <https://orcid.org/0000-0002-6316-9802>



## INTRODUÇÃO

Neste trabalho trataremos dos enunciados escritos — lembrando que, inevitavelmente, toda manifestação escrita se configura num texto. Para tal finalidade, faz-se mais que necessário saber o que é um texto e o que é textura, bem como, no âmbito da tradução, saber o que é retextura.

O objetivo maior deste trabalho é demonstrar a aplicabilidade dos postulados teóricos da Linguística Textual para uma reflexão sobre a prática da tradução literária definindo um conceito de “texto” que apreenda as especificidades da prática tradutória; investigando de que forma a **coerência** presente num texto de partida se apresenta no texto de chegada e contribuindo para uma prática tradutória atenta ao texto como unidade significativa em que se conjugam elementos morfossintáticos, semânticos e pragmáticos para a construção do sentido.

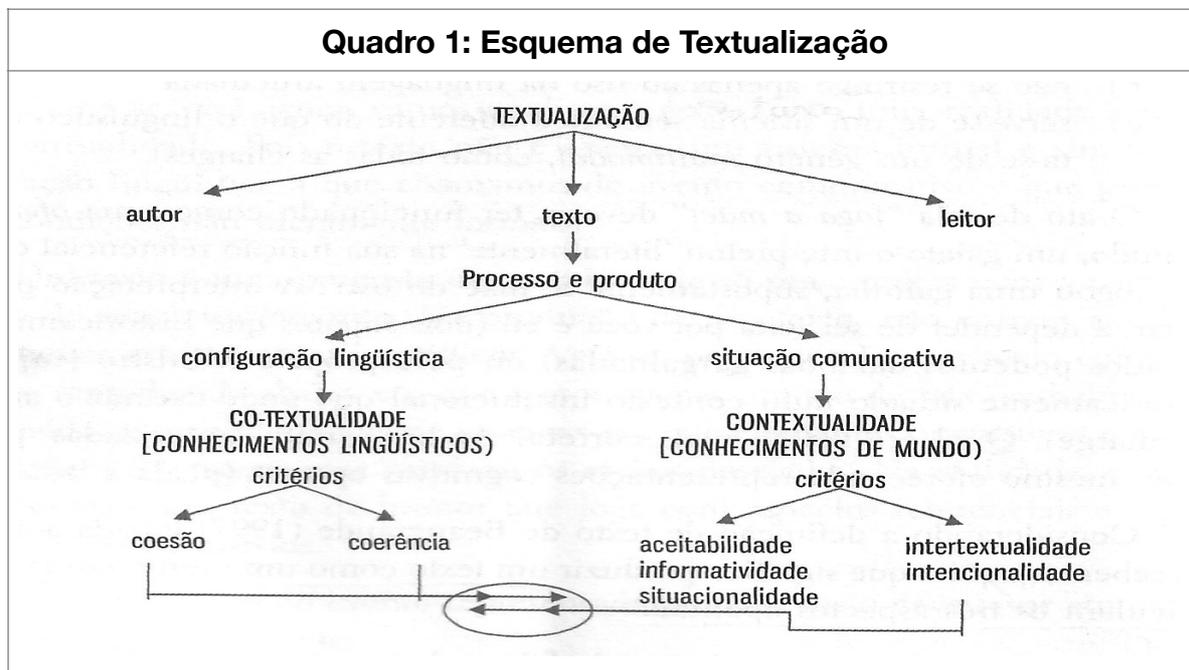
Beaugrande (*apud* MARCUSCHI, 2008) afirma que o texto não é uma materialização linguística, mas sim um **evento** para o qual convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais. Para Marcuschi (2008), esta definição traz algumas implicações para o conceito de texto, que passaria, pois, a ser visto como um sistema de conexões entre vários elementos, constituído numa orientação de multissistemas, se tornaria um evento interativo e se comporia de elementos que são multifuncionais. Ou seja, será a partir de um material linguístico que acontecerá o evento ‘texto’. Por isso, o tradutor tem de ter em mente que o texto traduzido não é meramente a operação da linguagem já pronta para o leitor desfrutar, mas sim o canal, a mediação para que o evento ‘texto’ aconteça.

O que faz um texto ser um texto, ou melhor o que caracteriza um texto é o que chamamos de textualidade ou textura. Segundo Koch e Travaglia:

**Textualidade** ou **textura** é o que faz de uma sequência linguística um texto e não uma sequência ou um amontoado aleatório de frases ou palavras. A sequência é percebida como texto quando aquele que a recebe é capaz de percebê-la como uma unidade significativa global (2009, p.26).

Ou seja, a textualidade é o fio condutor do texto. É a responsável pelo universo de significados do texto e por amarrá-los, dando-lhes sentido global. E a textura de qualquer texto se dá por meio do processo de textualização. Porém, como funciona este

processo? Quais etapas estão envolvidas nele? Marcuschi (2008) nos mostra o seguinte quadro:



No primeiro plano, temos o autor (produtor), o texto (evento) e o leitor (receptor). No segundo plano temos o texto dividido em duas modalidades — a co-textualidade e a contextualidade, a primeira referente à operacionalidade do sistema linguístico e suas regras e a segunda, ao contexto e aos conhecimentos de mundo. Por fim, no terceiro plano, temos os critérios de textualidade separados em dois conjuntos, mas com pontos de interseção.

Não muito diferente, o mesmo processo acontece ao se traduzir um texto, com algumas nuances, é claro, mas com o mesmo objetivo de comunicar-se por meio da linguagem, especificamente através do texto. Um texto a ser traduzido já tem sua textura na língua fonte. Já é composto de co-textualidade e de contextualidade, ou seja, já tem um potencial em sua língua fonte, de modo que cabe ao tradutor “tentar passar” toda essa potencialidade do texto de partida para o texto de chegada dando aos leitores desta tradução “o mesmo” potencial de conhecimento linguístico, conhecimento social e conhecimento de mundo. Ou seja, o tradutor precisa “atualizar” os critérios de textualidade na língua de chegada. E que são critérios de textualidade?

## 1. CRITÉRIOS DE TEXTUALIDADE

Os critérios de textualidade são a junção do dentro (co-textualidade) e do fora (contextualidade) do texto (MARCUSCHI, 2008). Eles são responsáveis pela produção do sentido do texto, porém nem todos têm a mesma relevância ou se distinguem de maneira clara, sendo alguns até ambíguos. Logo, critérios não querem dizer leis ou princípios, mas, sim, aspectos que funcionam bem e que são reconhecidos para a boa composição textual. Os critérios de textualidade demonstram quão rico é um texto em seu potencial, pois ele, o texto, faz conexões com vários tipos de conhecimentos. Os critérios de textualidade são sete: coesão, coerência, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, intertextualidade e informatividade.

Segundo Irandé Antunes a **coesão** é “a propriedade pela qual se cria e se sinaliza toda espécie de ligação, de laço, que dá ao texto unidade de sentido ou unidade temática” (2005, p. 47). Ou seja, é por meio da coesão que temos um texto tal como o vemos: com sentido, desenvolvimento e lógica. No que tange à tradução, no texto de partida já há uma coesão, ou seja, o código linguístico, a gramática e semântica fazem com que o texto possibilite algum sentido ao leitor que o leia. O mesmo deve ocorrer com o texto de chegada: ele tem de ser coeso para que o leitor possa ter acesso ao sentido deste texto. Isso só dependerá de um fato muito importante: o bom conhecimento linguístico, gramatical e semântico que o tradutor possui.

Já a **coerência** é:

A configuração que assumem os conceitos e relações subjacentes à superfície textual. É considerada o fator fundamental da textualidade, porque é responsável pelo sentido do texto. Envolve não só aspectos lógicos e semânticos, mas também cognitivos, na medida em que depende do partilhar de conhecimentos entre os interlocutores. (COSTA VAL, 2004, p. 5)

Significa dizer que a coerência é totalmente dependente do jogo de sentidos que os signos de um texto apresentam ou representam ao serem lidos por alguém. A coerência é a consequência do bom uso da coesão, fazendo com que esta última seja bem sucedida quando relacionada ao conjunto de relações que unem os significados de sentenças. No caso da tradução, a coerência é mais que visível, é necessária. Para que o código linguístico de uma tradução tenha sentido é necessário estabelecer uma ponte entre o conhecimento de mundo do leitor e do autor pelos signos e significantes que

constituem um texto a ser traduzido. Para isso, cabe ao tradutor ter uma boa bagagem cultural, vivencial e social das línguas com as quais se propõe a trabalhar.

Em continuidade, Marcuschi lembra que “a intencionalidade serve para manifestar a ação discursiva pretendida pelo autor do texto” (2008, p. 127). Isto é, a **intencionalidade** é a intenção do escritor em produzir uma manifestação linguística coesiva e coerente, mesmo que esta não alcance sua totalidade. Ou seja, esse critério considera importante o fato de que nenhum texto é neutro e que todo autor tem uma intenção, finalidade ou objetivo a ser alcançado pelo leitor. Já na tradução, a intencionalidade pode ser vista de diversas formas. À primeira vista, se considerarmos que todo texto original tem uma intenção de fazer sentido, de transmitir um conhecimento ou ideia, daí veremos que a intencionalidade do tradutor será (ou se espera que seja) a “mesma” do autor. Todavia, se observarmos os gêneros textuais em tradução, a intencionalidade do tradutor será fazer com que o mesmo gênero a ser traduzido seja compreendido como gênero textual na língua de chegada.

A **aceitabilidade** é o complemento da intencionalidade. Significa dizer que a interação por meio da linguagem escrita só acontece mediante o esforço do interlocutor de tentar compreender o sentido do texto por meio dos mecanismos – conhecimento de mundo, situação, intertextualidade etc. – que o locutor ativa em um evento textual. Desta forma, por mais que um texto seja mais bem aceito mediante o bom funcionamento da coesão e da coerência, mesmo que faltem coesividade e coerência, o texto será consentido, tendo em vista os demais fatores de textualidade. Na tradução, ela se dá por diversos fatores. Dentre eles podemos citar dois que são os mais consideráveis: 1) O tradutor como primeiro leitor e como ponte entre a língua fonte e a língua de chegada tomará reconhecimento do texto original, interpretando-o e observando as possibilidades de torná-lo compreensível para o leitor/público alvo. E 2) O leitor, por sua vez, terá de ter ou não consciência de que o texto traduzido já foi lido e interpretado por alguém antes dele.

No que tange ao critério de textualidade **situacionalidade**, ele é o fato de relacionarmos um texto à situação em que ele ocorre para podermos interpretá-lo, ou de relacionarmos um texto a uma determinada situação para orientar sua produção. N. Travaglia (2003) ao falar deste critério de textualidade na tradução nos chama a atenção para três fatores: 1) a tradução como atualização da língua sempre vai estar situada, ora pelo texto de partida e pela situação que ela representa (produção/recepção), ora pelo

texto de chegada e pela situação que este apresentará (produção/produção); 2) se o tradutor se situar durante sua tradução em um registro, isso evitará, por vezes, explicações em notas de rodapé e glossários que serão subentendidos pelo leitor ao compreender a estilística e a produção de sentido único que compõe o texto e que é resultante do registro escolhido pelo tradutor; e 3) nem sempre se situar em uma tradução quer dizer traduzi-la bem, pois há situações e contextos em que se situar ou não, não fará a menor diferença na tradução.

Para Marcuschi “a *intertextualidade* é uma propriedade constitutiva de qualquer texto e o conjunto das relações explícitas e implícitas que um texto ou um grupo de textos determinado mantém com outros textos” (2008, p.130). Ou seja, nenhum texto é puro ou neutro, uma vez que ele sempre dialoga com textos anteriormente já existentes. E é por essa razão que a **intertextualidade** é considerada um critério de textualidade. A respeito deste critério de textualidade, N. Travaglia nos chama a atenção para uma questão fundamental: “Nem sempre os leitores de um texto traduzido terão condições de estabelecer o diálogo necessário com os textos que contribuíram implícita ou explicitamente para a formação do original” (2003, p. 104). A tradução é um diálogo intertextual e o tradutor, o mediador deste diálogo, portanto em alguns casos será necessário o tradutor explicar ou mesmo dar pistas da intertextualidade em textos traduzidos.

A respeito da **informatividade**, em linhas gerais, segundo Costa Val, ela “é entendida como a capacidade do texto de acrescentar ao conhecimento do receptor informações novas e inesperadas” (2004, p. 31). O texto será de fácil ou de difícil interpretação conforme o nível de informatividade; e este último está intimamente ligado e é dependente do gênero textual e de outros fatores do texto como, por exemplo, os demais critérios de textualidade (intertextualidade, situacionalidade, intencionalidade e aceitabilidade). Na tradução, a informatividade se manifesta sempre ora mais previsível, ora menos. Quem vai decidir o que é previsível ou não é o tradutor, pois será ele este elo entre uma cultura/língua e outra.

Até o presente momento, foi visto o conceito de texto – adotado aqui como um evento para o qual convergem ações sociais, cognitivas e linguísticas –, vimos o que faz o texto ser um texto – conceito de textura –, os elementos da textura – os critérios de textualidade–, e agora veremos o que é a retextura ou retextualidade.

## Segundo Matencio:

Textualizar é agenciar recursos *linguageiros* e realizar operações linguísticas, textuais e discursivas. Retextualizar, por sua vez, envolve a produção de um novo texto a partir de um ou mais textos-base, o que significa que o sujeito trabalha sobre as estratégias linguísticas, textuais e discursivas identificadas no texto-base para, então, projetá-las tendo em vista uma nova situação de interação, portanto um novo enquadre e um novo quadro de referência. A atividade de retextualização envolve, dessa perspectiva, tanto relações entre gêneros e textos – o fenômeno da intertextualidade – quanto relações entre discursos – a interdiscursividade. Em outras palavras, se retextualizar é produzir um novo texto, então toda e qualquer atividade propriamente de retextualização irá implicar, necessariamente, mudança de propósito, pois o sujeito opera, fundamentalmente, com novos parâmetros de ação da linguagem, porque produz novo texto: trata-se, assim, de redimensionar a projeção de imagens entre interlocutores, de seus papéis sociais e comunicativos, dos conhecimentos partilhados, das motivações e intenções, do espaço e do tempo de produção/recepção, enfim, de atribuir novo propósito à produção textual (2003, p. 3-4).

Em consonância com esta afirmação, a **retextura** é a ação de reativar novamente os critérios de textualidade em um novo texto. Além disso, reativar os critérios de textualidade é construir novamente um discurso, um contexto e direcionar um público/leitor e uma produção/recepção. Cabe mencionar que a retextualização, assim como mencionado acima, sempre dar-á-se a partir de um texto-base, portanto entre relações de gêneros, textos, formas, conteúdos e discursos que sempre estarão em jogo e dependentes da nova intenção que terá o texto retextualizado ou o seu retextualizador.

## 2. TRADUÇÃO COMO RETEXTURA

A tradução na perspectiva da retextura é a recolocação em texto da reconstrução do sentido de uma textualização anterior em uma outra língua. cabe aqui fazer uma diferenciação entre as definições de reescrita e retextualização. Segundo Matencio (2002, p. 113): “Em suma, a reescrita é atividade na qual, através do refinamento dos parâmetros discursivos, textuais e linguísticos que norteiam a produção original, materializa-se uma nova versão do texto”. Portanto, a diferença principal entre reescrita e retextualização é que em uma temos uma nova versão do mesmo texto em relação aos aspectos formais melhorados, enquanto na outra temos a produção de um novo texto. A retextualização pode até ser reescrita – se observamos que depois do processo tradutivo

é aconselhável a revisão do texto para melhoramento dos aspectos formais do mesmo na língua de chegada –, porém a reescrita não pode ser tida como retextualização, visto que esta acontece com o mesmo texto modificando apenas sua superfície.

Assim como a textualização tem os seus critérios (fatores) que a fazem ser o que é, a retextura também tem seus fatores (critérios) que a fazem ser uma retextualização. Os fatores de retextualização são compostos basicamente pelos critérios de textualidade — a saber: coesão, coerência, informatividade, intertextualidade, situacionalidade, aceitabilidade e intencionalidade —, e por outros determinantes da coerência total de um texto: o conhecimento compartilhado, a focalização, a inferência, a relevância e os contextualizadores. Já vimos anteriormente os fatores de textualização com suas respectivas nuances na tradução. Daqui em diante veremos apenas os outros *determinantes da coerência total* de um texto que podem ou não aparecer no evento textual, pois, como já se sabe, tanto os critérios de textualidade como os determinantes da coerência total não são rigidamente o que fazem um texto ser um texto.

O **conhecimento partilhado** é o equilíbrio entre os conhecimentos de mundo do autor e do leitor do texto (KOCH & TRAVAGLIA, 2008, 2009). O conhecimento partilhado pode ser *dado* ou *novo*, sendo o primeiro um conhecimento já “velho” ou adquirido e o segundo um conhecimento recém-adquirido com base em conhecimento já obtido. Na tradução, o conhecimento partilhado também é observável e tem de ser mantido assim como no texto de partida. O tradutor é o primeiro a compartilhar seus conhecimentos de mundo com o autor do texto de partida, por seu conhecimento de duas línguas, e se torna ao traduzir (retextualizar) o responsável por escolher manter ou não esse conhecimento partilhado na língua de chegada. Todo texto a ser traduzido tem uma informação dada e uma nova, porém dependendo do público para o qual o tradutor está traduzindo: as informações consideradas dadas podem ser novas e vice-versa, e neste caso o tradutor terá de construir aparatos para produzir sentido para o leitor do texto alvo.

Já a **focalização** é a ênfase sobre determinado ponto de vista entre os conhecimentos de mundo e partilhado que o leitor e o autor seguem em um determinado evento textual. Ela depende de vários fatores, principalmente determinada pelo interesse e pela história dos indivíduos. A focalização é imprescindível no caso de palavras homônimas, uso adequado de elementos linguísticos e expressões definidas,

perspectivas a respeito de determinado conhecimento de mundo e conhecimento partilhado.

A questão da focalização na tradução se divide em duas grandes vertentes: 1) o fato de certas pessoas poderem realizar melhores traduções de textos ligados às suas áreas de conhecimento, como o caso dos especialistas; e 2) o fato de que a perspectiva do tradutor sempre é colocada em uma tradução (TRAVAGLIA, 2003). O tradutor como leitor privilegiado – leitor atento ao que diz o autor na obra e como o diz a fim de transmitir essas ideias ao público receptor da obra traduzida –, querendo ou não, sempre focalizará o texto a ser traduzido, pois este é um processo subjetivo que envolve decisões, as quais mostram claramente a visão do tradutor perante o texto fonte, perante as ideias do autor. Isso mostra explicitamente que existem léxicos e vocabulários que só ajudam o tradutor a traçar o texto fonte como o caso das palavras homônimas, os elementos linguísticos e as expressões definidas presentes já no texto a ser traduzido.

As **inferências** são as conexões que as pessoas fazem para alcançar uma interpretação do que leem. É a estabelecadora das relações entre duas ideias do discurso para promover a continuidade do sentido, e responsável pelo entendimento das coisas implícitas no texto. Na tradução não seria diferente, pois as inferências aparecem sempre. Desde o texto de partida até o texto de chegada, esse é mais um elemento da textualização que o tradutor retextualiza. Um detalhe importante é que as inferências do texto-tradução não serão as mesmas do texto de partida. Pode até haver similaridades ou semelhanças, mas a simples passagem de uma língua para outra já confirma que são “outras” inferências. É preciso muito cuidado no que tange a essa passagem de jogo de palavras, tais como alusões, insinuações, imagens, contradições, ironias, etc.

No que tange à **relevância**, ela consiste em um “conjunto de enunciados dos quais compõem o texto [para que] seja relevante para o mesmo tópico discursivo subjacente, isto é, [para] que os enunciados sejam interpretáveis como falando sobre um mesmo tema”. (KOCH & TRAVAGLIA, 2009, p. 99). Ou seja, do mesmo tópico discursivo entre conjuntos de enunciados é que a relevância se dá linearmente no texto. E mesmo acrescentando-se outros tópicos ou subtópicos no texto, a relevância é mantida pelos marcadores de digressão, que são enunciados de retomada do tópico principal.

Todos os textos são constituídos de relevância. Na tradução não seria diferente: mesmo a relevância aparecendo no texto de partida, é preciso ter atenção neste quesito

ao se traduzir, pois, muitas vezes, o que é relevante no texto de partida – devido, em especial, à sua informatividade, seu conhecimento partilhado e sua focalização – não o é no texto de chegada. Isso acontece principalmente no que diz respeito à cultura na qual as duas línguas em questão estão inseridas.

Já os **contextualizadores** servem para situar um determinado tipo de texto em determinado tipo de evento comunicativo. Eles não fazem parte diretamente de uma produção textual, mas aparecem frequentemente em alguns gêneros textuais e também dizem respeito ao uso da língua e desta pelos seus usuários. No caso da retextualização na tradução, além de todos os elementos dos fatores de contextualização, o maior contextualizador é o idioma em que o texto foi escrito, pois este traz consigo outros fatores culturais, linguísticos e pragmáticos. Não se podem deixar de lado os contextualizadores em uma tradução, visto que estes auxiliam na coerência do texto de chegada e, conseqüentemente, na maioria das vezes, tornam o contexto similar, mas não igual.

### **3. A TRADUÇÃO DOS *INCIPITS* DE *CLAUDE GUEUX***

Para exemplificar a teoria mencionada até aqui, veremos o exemplo de duas retexturas da obra de Victor Hugo *Claude Gueux*. Os trechos que seguem são o *Incipit* da obra em francês e português. Em Teoria Literária, *Incipit* é o termo que diz respeito ao início do romance. Ele tem ao menos três princípios: (1) inscreve a narrativa em um contexto, (2) estabelece com o leitor o pacto de leitura – visto que inicia o leitor no universo do texto tentando seduzi-lo ou informá-lo –, e (3) permite definir os fundamentos de legibilidade do texto – convenção estilística, alusões intertextuais, regime retórico, ponto de vista narrativo, etc (CATIN, BEAUDET, 2012).

Segue o trecho do texto na língua fonte:

#### **CLAUDE GUEUX**

Il y a sept ans, un homme nommé Claude Gueux, pauvre ouvrier, vivait à Paris. Il avait avec lui une fille qui était sa maîtresse, et un enfant de cette fille. Je dis les choses comme elles sont, laissant le lecteur ramasser les moralités à mesure que les faits les

sèment sur leur chemin. L'ouvrier était capable, habile, intelligent, fort maltraité par l'éducation, fort bien traité para la nature, ne sachant pas lire et sachant penser. Un hiver, l'ouvrage manqua. Pas de feu ni de pain dans le galetas. L'homme, la fille et l'enfant eurent froid et faim. L'homme vola. Je ne sais ce qu'il vola, je ne sais où il vola. Ce que je sais, c'est que de ce vol il résulta trois jours de pain et de feu pour la femme et pour l'enfant, et cinq ans de prison pour l'homme.

L'homme fut envoyé faire son temps à la maison centrale de Clairvaux. Clairvaux, abbaye dont on a fait une bastille, cellule dont on a fait un cabanon, autel dont on a fait un pilori. Quand nous parlons de progrès, c'est ainsi que certaines gens le comprennent et l'exécutent. Voilà la chose qu'ils mettent sous notre mot. Poursuivons.

Agora as duas retexturas do trecho acima em língua portuguesa:

### **CLÁUDIO, O INDIGENTE - Remy de Souza (1998)**

Há sete ou oito anos, um homem chamado Cláudio, o Indigente, pobre operário, vivia em Paris. Ele tinha consigo uma moça que era sua companheira, e uma criança dessa moça. Digo as coisas como são, deixando o leitor respigar as moralidades à medida que os fatos os semeiam sobre o seu caminho.

O operário era capaz, muito maltratado pela educação, muito bem tratado pela natureza, não sabendo ler e sabendo pensar. Em certo inverno, faltou trabalho. Nem fogo nem pão no sótão. O homem, a mulher e a criança sentiram frio e fome. O homem roubou. Não sei o que ele roubou, não sei onde roubou, o que sei é que desse roubo resultaram três dias de pão e de fogo para a mulher e para a criança e cinco anos de cadeia para o homem.

O homem foi mandado cumprir seu tempo na casa central de Claravale, abadia da qual fizeram uma bastilha, cela da qual fizeram uma masmorra, altar do qual fizeram um pelourinho.

Quando falamos de progresso, é assim que certas pessoas o compreendem e executam. Eis o que elas põem sob esse nome. Continuemos.

### **CLAUDE GUEUX - Natália Florêncio (2011)**

Há sete ou oito anos, um homem chamado Claude Gueux, pobre operário, viveu em Paris. Ele tinha com ele uma moça que era sua amante e um filho dela. Eu digo as coisas como elas são, deixando ao leitor apanhar as moralidades à medida que os fatos as semeiem sobre seu caminho. O operário era capaz, hábil, inteligente, muito maltratado pela educação, muito bem tratado pela natureza, não sabia ler, mas sabia pensar. Um inverno, o trabalho lhe faltou. Não havia nem pão nem fogo no pardieiro em que vivia. O homem, a moça e a criança passaram frio e fome. O homem roubou. Eu não sei o que ele roubou, eu não sei onde ele roubou. O que eu sei é que desse roubo resultaram três dias de pão e de fogo para a moça e a criança, e cinco anos de prisão para o homem.

O homem foi enviado a casa central de Clairvaux cumprir seu tempo. Clairvaux, abadia da qual foi feita uma bastilha, cela da qual foi feita uma cabana, altar do qual foi feita uma pira funerária. Quando falamos de progresso, é assim que algumas pessoas o compreendem e executam. Vejam bem o que eles colocam sob a nossa palavra. Continuemos.

Percebe-se já no início do texto de Hugo a dificuldade de tradução do próprio título da obra, ora traduzido tal como é no original e ora aportuguesado. Essas duas modalidades são tipos de focalização que os tradutores adotaram: uma de deixar o jogo

de palavras de Hugo de nome e sobrenome e outra, de preservar o sentido do título do texto – no caso o nome *Gueux* – que significa “indigente, mendigo, pedinte”. O texto de Remy de Souza é totalmente aportuguesado desde o título até os nomes próprios, contém uma nova paragrafação que não existe no texto fonte. Já o texto de Natália Florêncio respeita a paragrafação do texto fonte e não aportuguesa os nomes próprios. Vemos nessas posições elementos de retextura que entram em jogo: as inferências, os contextualizadores, a informatividade, a relevância, a situacionalidade, dentre outros.

No que tange às inferências, o aportuguesamento ou não dos nomes próprios não teria muita relevância se esses tivessem notas explicativas para que os leitores pudessem construir sua própria inferência no texto de chegada assim como o público alvo o constrói ao ler o título, por exemplo.

O nome próprio *Clairvaux*, por exemplo, além de ser relevante para o texto já traz consigo uma informação nova para o leitor de chegada, já que para o público francês em geral se trata de um dado conhecido, mas para o público brasileiro nem tanto. Todavia, ambos os tradutores, mesmo optando por traduzir o nome (R. de Souza) ou por deixá-lo em francês (N. Florêncio), não oferecem pistas de que *Clairvaux* era um antigo mosteiro e clausura que foi de grande importância na Idade Média devido a sua inovação na construção e que no século XVIII se tornou uma das mais famosas casas de detenção na França. Tal informação daria ao leitor informações que o texto de Hugo traz à tona - um assunto religioso, moral e político - e com essas informações o leitor construiria suas inferências.

Percebe-se também que há erros de coerência na tradução por Natália Florêncio, visto que as traduções de *pilori* e *cabanon* não são “pira funerária” e “cabana”. Um dos maiores contextualizadores de Claude Gueux - o tipo de paragrafação, que é longa e característica dos textos literários do século XIX - na tradução Remy de Souza é desconsiderado e com ele, a situacionalidade.

O texto de Natália Florêncio tem também erros de coesão quando ela correferre “aquelas pessoas” (feminino plural) a “eles” (masculino plural). Além disso, há uma repetição muito grande de pronomes que não constam no texto fonte, o que deixa a leitura em português pesada e sem muito fluência.

A palavra “fille” e “femme” são traduzidas nos textos de Natália Florêncio como “moça” e “mulher” (primeira aceção e correspondência do francês-português). Porém, é interessante notar que as duas palavras estão funcionando como sinônimos no texto. E

ao se usar “femme”/”mulher” tanto em francês quanto em português, o tradutor traz a inferência para o leitor de que esta moça é a esposa de Claude Gueux. A tradução de Natália Florêncio não deixa transparecer isso.

Inclusive no que concerne ao critério de relevância na questão da mulher, as escolhas de Remy de Sousa parecem dar mais ênfase e dignidade à moça como esposa de Claude Gueux : “Ele tinha consigo uma moça que era sua companheira, e uma criança dessa moça.”; “de fogo para a mulher e para a criança”. Contrariamente às escolhas de Natália Florêncio sobre o mesmo tópico, as quais deixam transparecer que esta mulher poderia ser até mesmo – pensando nas margens de inferências - uma prostituta amada por Claude Gueux: “Ele tinha com ele uma moça que era sua amante e um filho dela.”; “de fogo para a moça e a criança”.

## CONCLUSÃO

Com essa pequena análise de alguns dos fatores do texto, percebemos como o retextualizador-tradutor é importante na tradução vista como retextura. Podemos apreender que se não considerarmos a tradução como um novo evento textual, talvez, essa não funcione ou não tenha validade na língua de chegada tal como o original na língua de partida. Sobretudo, quando se trata de um texto de um domínio específico, ligado a um autor consagrado por seu modo de escrever - é preciso saber o que e quem se traduz para se retextualizar com eficácia.

Por fim, convém mencionar que a tradução de *incipit* de uma obra literária pode trazer inúmeras questões de retextualização, como as que trouxemos com Claude Gueux de Victor Hugo. Portanto, provavelmente, um olhar mais detalhista e cuidadoso seja necessário para a tradução de *incipits* de romances no Brasil.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola, 2005.
- CANTIN, A.; BEAUDET, M. A. Incipit. In: ARON, Paul; SAINT-JACQUES, Denis; VIALA, Alain (orgs.). **Le dictionnaire du littéraire**. Paris: Quadrige/PUF, 2012.
- COSTA VAL, M. G. **Redação e Textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- HUGO, V. **Claude Gueux**. Tradução de Natália Florencia. In: Revista Arte e Letra: estórias L. Curitiba- PR: Arte e Letra, 2011.

- HUGO, V.. **Claúdio, O indigente**. Tradução de Remy de Souza. Bahia: Memorial das Letras, 1998.
- HUGO, V. **Claude Gueux**. Paris: GF Flammarion, 2010.
- KOCH, I. V.; TRAVAGLIA, L. C. **A coerência textual**. 17ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- KOCH, I. V.; TRAVAGLIA, L. C. **Texto e Coerência**. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.
- MATENCIO, M. L. M. Atividades de (re)textualização em práticas acadêmicas: um estudo do resumo. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 109-122, 2º sem. 2002.
- MATENCIO, M. L. M. Referenciação e retextualização de textos acadêmicos: um estudo do resumo e da resenha. Minas Gerais, 2003.
- REIS, D. S. **As retexturas brasileiras de Claude Gueux**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (POSTRAD/UnB). Brasília: Universidade de Brasília, 2013.
- TRAVAGLIA, N. G. **Tradução retextualização: a tradução numa perspectiva textual**. Uberlândia – MG: Edufu, 2003.

## RÉSUMÉ

Cet article traite la traduction en tant que retextualisation ou retexture dans le domaine de la Linguistique Textuelle. Nous considérons que traduire, c'est remettre en texte dans une nouvelle langue une mise-en-texte préalablement réalisée dans une langue source. En guise d'exemple, nous utilisons le texte *Claude Gueux*, de Victor Hugo, pour démontrer l'applicabilité de cette approche à la traduction d'un texte littéraire du XIXe siècle, en particulier dans les incipits.

## MOTS-CLÉS

Traduction; Línguistique Textuelle; Retexture; Claude-Gueux, Victor Hugo

## LA TRADUCTION DES INCIPITS DE CLAUDE GUEUX COMME RETEXTURES HUGOLIENNE AU BRÉSIL <sup>1</sup>

Dennys Silva-Reis

Doutor em Literatura • Universidade Federal do Acre

Recebido em 22/06/2020

Aceito em 21/08/2020

---

<sup>1</sup> Este artigo é oriundo de uma pesquisa intitulada *As retexturas brasileiras de Claude Gueux* (REIS, 2013).